

DONS ESPIRITUAIS

FERRAMENTAS de Deus para Edificação do Corpo de Cristo

Lição 5



**Professores: Eber Hávila Rose
Luiz Felipe Silva de Figueiredo**

DONS ESPIRITUAIS

Ferramentas de Deus para Edificação do Corpo de Cristo

Lição 5 – Dons sobrenaturais

Professores: Eber Hávila Rose e Luis Felipe Silva de Figueiredo

BASE BÍBLICA CENTRAL: I Co 12, 14

Os capítulos 12 e 14 de I Coríntios são os únicos textos que relacionam estes dons extraordinários. Na lista apresentada ali também estão alguns outros dons ordinários, ou seja, não apresentam uma característica sobrenatural, apesar de serem capacitações dadas pelo Espírito, mas se caracterizam, como apresentados nas lições anteriores, como um talento potencializado pelo Espírito Santo e usado no ministério da igreja. No capítulo 14 o apóstolo faz uma extensa abordagem relacionada ao dom de línguas. Certamente a igreja de Corinto vivia algumas dificuldades na administração deste dom que fez o apóstolo se delongar na sua explanação.



INTRODUÇÃO

Esta lição vai tratar dos dons sobrenaturais, os diferentes pontos de vista da igreja evangélica, dos teólogos e fazer uma abordagem bíblica detalhada de cada um deles e seu uso na igreja. Os dons estudados nesta lição serão relacionados a milagres, curas, línguas, interpretação de línguas e profecias.

Existem verdades a respeito do Espírito Santo e da Sua atuação em nossa vida que precisam ser conhecidas e experimentadas, mas que se mal entendidas ou mal utilizadas podem incorrer em riscos para o cristão. A primeira é o **Poder**. Alguns consideram que a doutrina do Espírito é essencialmente acerca do poder. Mas, de fato, quando falamos em Espírito falamos em poder (Lc 24:49; At 1:8; 4:43; 10:38; Rm 15: 18,19; I Co 2:4,5; 2 Co 6:6-10; 10: 4-6; 1Ts 1:5; 2:13). No entanto, uma má compreensão deste ensino e um quando o tema do poder se torna central em nosso pensamento a respeito do Espírito não está ancorado no centro da mensagem e pode haver alguns desvios. "A obra do Espírito tende a ser expressa como centralizada no homem, como se o poder de Deus fosse algo que está à nossa disposição, que pode ser ligado e usado"^[3].

A segunda se refere a **Desempenho**, no sentido de tudo gira em volta dos resultados do uso dos dons. Houve uma compreensão positiva de que todos devem fazer uso dos dons e não somente os clérigos. No entanto, a concentração exacerbada em alguns dons fazendo com que o crente viva em torno daquilo não é uma forma sadia de viver cristão.

A terceira é a **Pureza**. É uma ênfase inteiramente bíblica, pois fomos salvos para sermos santos, e é o Espírito que nos capacita a resistir à tentação e fazermos o que é correto e mortificar o pecado que em nós habita (Rm 8:14; Cl 3:5; 2 Co 3:18). A luta contra o pecado é, portanto, o alvo que todo crente deve ter de forma intensa, na dependência completa de Deus. Rm 7:14-25 além de Gálatas mostra a realidade do conflito existente na vida cristã. No entanto, alguns perigos rodeiam os que fazem da luta moral a ideia central do seu pensamento acerca do Espírito Santo. Este perigo está relacionado com o legalismo tornando-se farisaicos, escrupulosos, sem alegria. Existe, nestes casos um pessimismo quanto à possibilidade de vitória contra o pecado.

A quarta é a **Apresentação**, ou seja, o Espírito nos faz perceber as coisas. O Espírito nos capacita a enxergar coisas que antes não podíamos, como a consciência da divindade de Jesus, e nos faz perceber a verdade da nossa filiação, percepção das coisas espirituais que os do mundo não podem ver. O perigo aqui é desvirtuar a obra essencial do Espírito que é centrada na proclamação de Cristo como Senhor e segundo lugar a

minimização do valor da Palavra de Deus. O ministério do Espírito é de nos levar a ter uma comunhão pessoal com Jesus, a uma transformação pessoal do caráter à semelhança de Jesus e à certeza de sermos amados, redimidos e adotados através de Cristo na família de Deus.

IDEIA CENTRAL

A igreja tem vivido nos dias atuais, desde o século XIX, um debate intenso relacionado aos dons sobrenaturais, notadamente os dons relacionados a milagres, curas, línguas, interpretação de línguas e profecias. Alguns afirmam que eles cessaram no período apostólico ou nos primeiros séculos da igreja, outros que eles continuam, mas com algumas mudanças em sua administração e finalmente outros sustentam que todos os dons continuam hoje da mesma forma como na igreja primitiva. Os movimentos de santidade que aconteceram nos últimos séculos e presentemente tem influenciado fortemente a revisão das doutrinas dos dons, pelo menos a ênfase no seu estudo, o que será feito nesta lição com a abordagem daqueles considerados sobrenaturais.

OBJETIVOS DA LIÇÃO - ao final desta lição o leitor estará em condições de:

- **Saber:** Quais são os dons sobrenaturais e entender as visões dos estudiosos quanto à sua contemporaneidade e como podemos nos apropriar e beneficiar destes dons.
- **Ser:** Um crente convicto na sua crença com relação a estes dons e seguir o padrão revelado pelo próprio Deus nas Escrituras, quanto à sua natureza, seu propósito, e sua utilização.
- **Agir:** Buscar orientação de Deus através de um estudo aprofundado da Bíblia e estar submisso à Sua orientação agindo de forma equilibrada para benefício de toda comunidade cristã.

Um pouco de história:

Por muito tempo se pensava que os dons eram distribuídos apenas para os ministros e clérigos. “Antes do século XX, só um estudo dos dons do Espírito havia sido escrito em inglês, da lavra do puritano John Owen em 1679-80 – e, assim mesmo, em pequena escala.”^[3] Este assunto ganhou um lugar de proeminência maior na agenda das igrejas a partir do século XVIII. No entanto, a questão maior por trás de toda esta discussão é a busca de maior santidade dentro da igreja. A santidade é um termo bíblico de muito peso na Bíblia. A ordem de Deus e orientação bíblica para que nos tornemos santos é prioritária na vida dos cristãos. Santidade é fruto do Espírito, demonstrado à medida que o cristão anda pelo Espírito, é intimidade consagrada com Deus, obedecer, viver com e para Deus, imitá-Lo, observar a Sua lei, ficar do lado Dele contra o pecado, praticar a justiça, realizar boas obras, seguir os ensinamentos de Cristo e seus exemplos. Vamos ver algumas correntes na história relacionadas à santidade e que influenciou a forma de se entender e aceitar como o Espírito Santo atua na vida dos crentes, particularmente no que se refere aos dons sobrenaturais.

A santidade Agostiniana: Ela foi reafirmada pelos reformadores e sustentada pelas atuais igrejas reformadas. Deus mediante a Sua Graça opera em nós tudo o que jamais conseguiremos em termos de fé, esperança, amor, adoração e obediência, que Ele requer. Deus dá o que ordena. Isto assim ocorre porque o homem é absolutamente incapaz de reagir em favor de Deus se não por Ele mesmo. O conhecimento e dependência maior de Deus, a santidade vem através de um crescimento e progresso, através do que os puritanos chamavam de vivificação das nossas graças e mortificação dos nossos pecados, na direção de uma semelhança cada vez mais completa com Cristo, manifestando cada vez mais os Frutos do Espírito.

O Perfeccionismo Wesleyano: Desenvolvida no meio do século XVIII, sob o nome de “perfeição cristã”. “A sua novidade foi afirmar uma segunda obra da graça transformadora, diferente e, via de regra,

posterior ao novo nascimento (conversão). Mediante esta segunda obra, assim dizia Wesley, Deus desarraiga toda a motivação pecaminosa do coração do cristão, de forma que toda a sua energia mental e emocional é, daí em diante, canalizada para o amor de Deus e aos outros; um amor como o de Cristo, sobrenatural, forte, imutável, proposital e apaixonado, livre de qualquer afeição contrária que com ele venha a competir.”^[3] J. I. Packer apresenta quatro dificuldades: (1) A prova bíblica é inconclusiva. (2) A análise racional teológica é irreal. (3) As implicações práticas não são edificantes. (4) o contra-ataque de Rm 7:14-25 é inescapável.

O ensino de Keswick: Esta é uma versão modificada da opinião wesleyana, na qual ela procura corrigir declarações de que a segunda obra decisiva de Deus pela graça erradica o pecado do coração do cristão. Ele também é conhecido como “ensino da vida vitoriosa” na qual eles apresentam uma fórmula para uma “vida mais elevada”, “vida em um plano mais alto”, na qual embora o coração pecaminoso da pessoa permaneça como era antes, a força que a arrasta para baixo, dos desejos errados e da fraqueza moral, é efetivamente anulada. A partir de 1875 iniciou em Keswick, Inglaterra a Convenção anual para o Aprofundamento da Vida Espiritual. “Eles insistiam em que o caminho da fé é deixar conscientemente que Cristo faça as coisas em nós e através de nós, em vez de tentarmos fazê-las por nós mesmos”^[3]. Este ensino teve o aspecto positivo de advertir contra uma confiança própria na busca de santidade e que esta é uma obra sobrenatural da graça e levou os seus seguidores a uma busca mais intensa de consagração e dependência de Deus. No entanto, alguns pontos se mostraram frágeis. Eles compartimentaram a experiência cristã em dois estágios, as obras da graça separadas – a obra de Cristo como justificador e Sua obra como santificador. A primeira retira a culpa do pecado e a segunda o poder do pecado. Isto força uma separação do que Deus ajuntou no ofício mediador do Seu Filho – a saber, ao papel de sacerdote com o de profeta (mestre) e rei. Isto cria categorias de cristão com uma tendência de exarcebar o sentimento de superioridade. Com esta visão centralizada na santidade, como neste ensino, existe uma tendência de centralização no eu. Apesar de eles negarem o perfeccionismo wesleyano, onde o pecado seria desarraigado do coração do cristão santificado, eles sustentavam a possibilidade de completa vitória sobre todo pecado conhecido e prometendo vitória total sobre eles todos, aqui e agora. Este ensino vai além de qualquer coisa que o Novo Testamento nos permite esperar neste mundo. O ensino de Keswick de que não adianta nossos esforços em nos afastarmos do pecado e o único caminho seria uma abertura para que o Espírito Santo o retire de dentro de nós levou a uma atitude de passividade, consequência do forte elemento quietista deste ensino. “O lema cristão não deveria ser ‘deixe tudo nas mãos de Deus’, mas ‘confie em Deus e avance.”^[3] A aplicação do ensino Rm 6-8 torna a interpretação do ensino de Keswick impossível. “A crença de que uma libertação completa de todo pecado conhecido é desfrutada pelos cristãos consagrados, cheios do Espírito, usando a técnica da fé, faz com que se torne impossível interpretar Rm 7:14-25.”^[3]

O Pentecostalismo: “O movimento pentecostal nasceu nos Estados Unidos no meio de um período de grande mudança social e incerteza espiritual, no final do século XIX e início do século XX. Teve sua origem entre aqueles que já eram cristãos ativos, mas que, segundo os pentecostais, queriam algo mais além daquilo que estavam recebendo das suas igrejas. Este ‘acréscimo’ veio a eles na forma da experiência de falar em línguas que, quando foi acompanhada pela persuasão de que este falar era a evidência do Batismo no Espírito Santo, criou o embrião da convicção pentecostal. Experiências menos expressivas ocorreram no final do século XIX em 1896, depois de modo mais significativo, bem no começo doo século XX no centro oeste dos Estados Unidos (Topeka, Kansas, 1 de janeiro de 1901) e, a partir dali, esporadicamente ao redor do mundo e finalmente, pela primeira vez de forma destacada, no extremo

oeste dos Estados Unidos (Los Angeles, Califórnia, 9 de abril de 1906)^[5]. A figura chave do movimento neste início foi William Seymour. O movimento cresceu muito rapidamente numa ex-igreja metodista, situada na rua Azusa 312. As influências dos movimentos anteriores de santidade se fazem presente, particularmente no ensino da necessidade da segunda benção. Os crentes que aderiram o movimento queriam mais do que ensino, queriam experiência. O movimento cresceu avassaladoramente em todo o mundo. As igrejas pentecostais históricas enfatizam muito a questão do batismo do Espírito Santo com o falar em línguas, as possessões demoníacas, batalha espiritual, exigem menos qualificação para os pastores, os quais rapidamente podem assumir novos pontos de pregação. Existe muita abertura para profecias, visões e sonhos.

A Renovação Carismática: A partir de meados do século XX deu-se início a uma nova fase do movimento. Com um ensino, inicialmente, semelhante à das igrejas pentecostais, surgiu no meio das igrejas históricas e até mesmo entre os católicos um movimento neo-pentecostal. Várias igrejas surgiram a partir desta época provenientes das igrejas históricas. Eles asseveravam crítica vigorosa das suas próprias igrejas, da sua irrelevância, do seu institucionalismo e da sua morte espiritual. Apelando especialmente a pastores protestantes sobrecarregados e aos leigos católicos, o movimento neo-pentecostal tem prometido uma saída. Aqui também defendem o batismo do Espírito Santo como segunda benção e consideram esta uma redescoberta dos últimos tempos com suas manifestações carismáticas. Elas são focadas na questão das bênçãos e da prosperidade, na oferta de saúde e avanço financeiro em troca de sacrifícios, são sincretistas, práticas que vêm da religiosidade popular. Reutilizam os títulos de apóstolos e exercem um forte poder sobre suas igrejas. Não tem controle da sua membresia, o seu ensino teológico é deficitário e, normalmente não têm escola dominical como método de ensino para a igreja.

Cessacionismo x Continuismo ou Contemporaneidade dos dons

Na questão dos dons, particularmente os sobrenaturais, existe uma divergência entre os teólogos quanto à sua continuidade após a era apostólica ou nos primeiros séculos da era cristã. Aqueles que acreditam que estes dons cessaram após este período são conhecidos como cessacionistas, apesar de existirem diversas opiniões diferentes do que significa exatamente este cessar. Aqueles que acreditam que todos os dons continuaram após este período são conhecidos como continuistas, que defendem a contemporaneidade dos dons.

Nesta lição, para fins didáticos, vamos dividir as opiniões em três grandes grupos:

- 1) Cessacionistas: Defendem que alguns dons cessaram na igreja primitiva ou nos primeiros séculos da história da igreja;
- 2) Defendem a contemporaneidade dos dons dentro de igrejas tradicionais: Não são pentecostais nem carismáticos, mas não negam a contemporaneidade dos dons. Creem que alguns ofícios foram exclusivos da igreja primitiva, como apóstolos. Algumas divergências quanto aos profetas e quanto ao dom de línguas;
- 3) Pentecostais, carismáticos e neopentecostais: Eles se divergem em vários pontos, mas foram colocados aqui no mesmo grupo por haver certa concordância quanto aos dons, com maior ou menor ênfase nestes pontos.

Historicamente, os cessacionistas predominavam nas igrejas reformadas, e teólogos de renome o defendem. Com os movimentos de santidade, movimentos avivalistas do século XIX, o crescimento do

pentecostalismo no mundo e posteriormente a renovação carismática e neopentecostalismo, este assunto voltou a um debate forte, mesmo no meio reformado, havendo um número grande de pastores e teólogos que defendem fortemente a contemporaneidade dos dons. De forma geral, os cessacionistas creem que estes dons sobrenaturais tiveram um propósito na fundação da igreja primitiva, particularmente enquanto o Canon ainda não estava fechado. Alguns definem como no final da era apostólica, outros nos primeiros séculos da era cristã. Eles não descreem nos milagres ou nas curas, mas sim que estes dons extraordinários ficaram reservados para a era apostólica.

Profecias

Para o reformado o dom de profecias seria o falar com vistas à edificação da igreja, é a explanação, a exposição e a explicação fiel da Palavra de Deus conforme está nas Escrituras, ou seja, é a pregação da Palavra de Deus. “Hoje, não há mais profetas no sentido daqueles profetas primeiros, que se tronaram o fundamento da igreja (Ef 2:20). Deus não revela mais algo novo. Não há uma segunda edição da Bíblia. O cânon da Escritura já está fechado. Todo ensino na igreja deve ser submetido à doutrina autorizada dos apóstolos e profetas (I Co 14.37,28).”^[1] Este dom é exercido segundo a proporção da fé. Ele não é elocução extática, mas é racional e elaborada, mesmo que Deus possa agir com inspirações instantâneas durante a pregação. Ele precisa ser provado observando se glorifica a Deus, está de acordo com as Escrituras, edifica a igreja, se o pregador é humilde para aprender com os outros e está no controle de si mesmo. “Esse parece ter sido um dom pelo qual alguém recebia uma revelação de Deus, ou habilitação para expor o plano da salvação. Ocasionalmente um profeta predizia eventos futuros.”^[4] Mas de acordo com Paulo em I Co 14 ele enfatiza o aspecto de que a profecia serve para edificar, consolar e exortar. Grudem apresenta uma visão um pouco diferente com relação a este dom quando ele afirma que estudo bíblico e pregação estariam dentro do dom de ensino e profecia seria “relatar com suas palavras algo que Deus lhe trouxe de maneira espontânea à mente.”^[2] Para ele a profecia ocorre quando uma revelação proveniente de Deus é relatada com palavras (meramente humanas) do próprio profeta. A revelação seria qualquer intuição vinda de Deus e a profecia seria a explanação desta revelação. Neste sentido, de acordo com ele, ela pode conter imprecisões, nunca deve ser dita na primeira pessoa (como sendo o próprio Deus), e possui menos autoridade que o ensino com explicação ou aplicação das Escrituras.

Milagres

Qualquer atividade que evidencie o grande poder de Deus. O apóstolo o diferencia do dom de curas e neste sentido eles seriam manifestações extraordinárias de Deus diferentes da cura física. Entre os propósitos dos milagres está certamente autenticar a mensagem do evangelho e dar testemunho da vinda do reino de Deus e da extensão dos seus resultados benéficos à vida das pessoas, isto tanto no ministério de Jesus como no dos apóstolos. Além destes podemos citar à ajuda aos necessitados, remover obstáculos aos ministérios das pessoas e finalmente dar glória a Deus. Os cessacionistas defendem que eles aconteceram de forma efusiva e abundante no período apostólico particularmente pela ação destes para confirmação da mensagem e autoridade. Hoje, mesmo que eles possam ocorrer, não tem o mesmo propósito do período inicial da igreja e de dimensões muito inferiores. Os milagres acontecem, mas o dom de operação de milagres estava restrito àquele período. Para os creem na contemporaneidade dos dons, estes permanecem. A diferença está na ênfase. Uma coisa é dizer que os milagres podem acontecer hoje. Outra bem diferente é pedir milagres a Deus. Os propósitos são importantes neste momento. Os abusos e excessos ocorridos hoje têm feito muitos serem cautelosos quando tratam deste assunto.

Curas

Novamente aqui como nos milagres os cessacionistas afirmam que houve um período especial da manifestação de Deus para implantação e consolidação do evangelho através das obras de Cristo e dos apóstolos. Vários textos podem ser utilizados em defesa desta afirmação: At 14:3; 2 Co 12:12; Rm 15:18-19; Hb 2:3-4; Ef 2:20. Neste sentido, o dom de curas estaria restrito ao período apostólico. No entanto, a Bíblia é repleta de orientações para que o seu povo O busque em oração e súplica e Deus responde, algumas vezes de maneira miraculosa. Quantos testemunhos existem de curas extraordinárias quando os médicos já haviam desistido do tratamento. “A Bíblia chama Deus de nosso sarador (Ex 15:26) e ensina que Deus cura nossas doenças (Sl 103:3). A Escritura também ensina-nos a orar quando estivermos doentes ou em outros tipos de problemas, e promete que nossas orações serão respondidas (ainda que nem sempre da forma como esperamos que seja respondidas). As seguintes promessas de que Deus ouvirá e responderá nossa orações certamente não excluem orações pela cura de nossas enfermidades: Sl 91:15; Mc 11:24; Lc 11:9,10; Jo 15:7; 1Jo 5:14,15.”^[4] Os ensinamentos bíblicos sobre a cura de Tg 5:15-16 devem ser seguidos por todo crente. Precisamos, porém estar submissos à vontade de Deus nestes pontos e aceitá-la quando não ocorrer como esperávamos e nunca permitir que as curas se tornem um aspecto principal da adoração ou do trabalho da igreja. A diferença, portanto, entre os diversos segmentos está no aspecto da ênfase.

Línguas e Interpretação

A questão do dom de línguas e interpretação tem sido talvez um dos assuntos mais polêmicos de todos eles. Diversas interpretações têm sido levantadas a respeito deste dom. Perguntas sobre sua natureza, finalidade, contemporaneidade, prioridade, formas de utilização, valor, perigos e tantas outras são debatidas com um número muito grande de opiniões divergentes. Existe um aspecto emocional além de uma forte influência de experiências em todas estas discussões que influenciam fortemente o posicionamento dos que se deparam com este assunto. Alguns são fortemente atraídos enquanto para outros essas características do movimento carismático incomodam bastante. Este talvez tenha sido um dos maiores motivadores de divisões dentro da igreja nos últimos tempos.

Independente de todas as divergências, uma análise detalhada, séria e imparcial de I Co 14 é de muita utilidade neste assunto. Paulo considera os dons segundo a perspectiva suprema da congregação e o benefício da comunidade. De fato, eles são os recursos de Deus para a edificação do Corpo de Cristo, a igreja.

I Co 14.1-3: Paulo apresenta de pronto o seu pensamento identificando a importância do entendimento na comunicação, pois ele estima os dons por sua capacidade de ajudar aos homens. Daí a sua preferência pela profecia. Esta compreensão estava faltando aos coríntios.

I Co 14.4 e 12: Paulo não nega a autenticidade do dom, mas claramente mostra a preferência pela edificação da igreja. Existem alguns interpretes que afirmam que o ‘edifica a si mesmo’ não apresenta conotação positiva, mas negativa, pois não atinge o propósito maior dos dons conforme os três capítulos sobre este assunto nesta carta. É significativo que “Paulo nunca dirigiu os coríntios (ou quaisquer outras igrejas nas suas Epístolas existentes) a buscarem o dom de línguas... o desenvolvimento feito por Paulo, é que não somente expressamente deixou de insistir em que as línguas fossem buscadas, como também diplomaticamente oferecia alvos alternativos a serem buscados como substituto. Recomendou com insistência a busca dos ‘melhores dons’ no capítulo doze, do amor, no capítulo treze, e do testemunho, no

capítulo quatorze. Este dois fatos dialéticos – da retenção com tato e da substituição tática – merecem atenção a fim de ser entendido o ‘testemunho’ de Paulo nestes três capítulos, na sua intenção subjacente... Paulo deseja ver os dons espirituais tornarem-se em serviço (cap. 12), o amor tornar-se altruísta (cap. 13), e a igreja ser edificada (cap. 14).”^[5]

I Co 14.5-20a: A concessão que o apóstolo faz ao dom de línguas é se houver interpretação repetindo aqui o objetivo primeiro deste capítulo. As ilustrações utilizadas por Paulo são todas negativas para uso do dom sem interpretação. O verso 15 defende claramente a necessidade de compreensão e de controle de seus atos indicando que não deve haver um êxtase descontrolado que mais se aproxima das religiões de mistério. No verso 19 o número dez mil é a maior cifra para a qual o sistema grego de numeração tinha um símbolo. O que Paulo pudesse estar querendo dizer é algo como infinito. “Na realidade, não temos registro que Paulo alguma vez tenha falado às suas igrejas senão com palavras do entendimento.”^[5] No verso 20a significa indiretamente: ‘Vosso esforço em prol da glossolalia é infantil’.

I Co 14.20b-25: Aqui vem talvez a consideração mais forte: a consideração evangelística. O efeito de todos falarem em línguas sem interpretação tem uma influência negativa sobre os de fora contrariamente à profecia. Além do mais o apóstolo cita a profecia de Isaias onde mostra que as línguas constituem um sinal não para os crentes, mas para os incrédulos. Um estudo minucioso deste verso mostra que o sinal das línguas indica uma mudança pactual na história da redenção. Deus não mais vai falar através de uma nação e uma língua, mas agora vai falar através de muitas línguas a muitos povos. Este é o mistério que o apóstolo Paulo repetidamente se refere nas suas cartas. Em contrapartida, as línguas significam um juízo distintivo para Israel. Jesus fala deste mesmo juízo, quando diz: ‘Portanto, eu vos digo que vos será tirado o reino de Deus, e será dado a um povo que dê os seus frutos’ (Mt 21:43). “O efeito das línguas é endurecer, e não amolecer os corações dos incrédulos. As línguas são um instrumento divino de endurecimento.”^[5]

I Co 14.26-40 Paulo dá instruções para a condução do culto onde a tônica é a organização com uso limitado e ordenado dos dons. A despeito de toda a orientação do apóstolo no sentido de se buscar os melhores dons e um contexto claramente restritivo quanto ao uso do dom de línguas ele deixa uma sentença que tem vazado os séculos e aberto uma discussão forte entre os apaixonados no assunto: “não proibais o falar em outras línguas.”

CONCLUSÃO E APLICAÇÃO

Os assuntos relacionados à obra do Espírito Santo estão contidos nos documentos da igreja na sua história. Um destaque especial na formulação da doutrina do Espírito Santo foi feito por João Calvino nas suas Institutas. No entanto, após um número crescente de movimentos de santidade e seus efeitos nas vidas dos crentes, esta doutrina tem sido revista com incorporação de alguns pressupostos relacionados à atuação do Espírito através da distribuição de dons conhecidos como sobrenaturais. Os grupos se dividem basicamente em cessacionistas, aqueles que creem na contemporaneidade com restrições e aqueles que creem na contemporaneidade de forma plena. Mesmo dentro destes grupos existe uma variedade de interpretação.

Para efeito do nosso estudo podemos resumir cada um destes dons conforme segue. Profecia: O ofício de profeta não existe hoje, mas a profecia conquanto também tenha um caráter revelacional tem sido usada na igreja hoje como conforme I Co 14 edificando, exortando e consolando através da aplicação da verdade revelada na Bíblia Sagrada. Milagres e Curas: Deus continua operando milagres e curas nos dias de hoje e

os crentes são instados a buscar em oração a aplicação de Deus em cada um destes pontos conforme a Sua soberania e vontade, no entanto, hoje não ocorrem estes milagres e curas conforme aqueles registrados para Jesus e os apóstolos tanto no que se refere à grandiosidade dos eventos como dos propósitos de estabelecimento da igreja como parte do plano de Deus para aquela época. Línguas e Interpretação: Não existe nenhuma evidência bíblica que a línguas seja sinal da ocorrência do batismo no Espírito Santo (assunto de outra lição). “Parece evidente que as línguas descritas em Atos 2 eram idiomas humanos. Quanto às línguas mencionadas por Paulo na sua primeira carta aos Coríntios, embora sua exata natureza seja de mais difícil interpretação, não há qualquer evidência exegética, teológica, ou histórica, de que fossem diferentes do precedente estabelecido em Atos, ou seja, dos idiomas falados no Pentecoste.”^[6] Neste ponto, porém tem havido divergências, mesmo entre os reformados. “O propósito das línguas foi para evidenciar a universalidade da Graça, sinal de juízo de Deus sobre os incrédulos e edificação da igreja. As Escrituras ensinam e a Igreja crê que, quando encaradas como evidência da universalidade da graça e como sinal do juízo de Deus sobre os incrédulos, as línguas cessaram, havendo cumprido aquelas finalidades históricas. No que se refere ao seu propósito de edificação da Igreja, o Novo Testamento, entretanto, não explicita a cessação ou continuação do dom de línguas além do período apostólico. ”^[6]

Contudo, a despeito de todas as divergências quanto ao entendimento deste dom, é claramente percebido através da análise de I Co 14 a orientação fortemente restritiva na sua utilização pelo apóstolo Paulo, apesar de não ter proibido o seu uso. O maior contrassenso, porém, em toda esta discussão é que este tema tem provocado uma forte divisão entre os crentes. Ou seja, o exercício dos dons é para a unidade da igreja, mas tem provocado muita divisão. Serve para nossa reflexão se estamos agindo corretamente quando tratamos destes assuntos.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Qual a diferença que você vê entre os movimentos de santidade no passado e os diversos avivamentos que aconteceram na história da igreja?
2. Procure descrever quais são os posicionamentos dos cristãos quanto à contemporaneidade dos dons.
3. Quais são os três propósitos das línguas conforme apresentado na lição?

REFERÊNCIAS:

- [1] LOPES, Hernandes Dias: **1 Coríntios** – Como resolver conflitos na Igreja. Hagnos, 2008. São Paulo, SP. Pag. 224 a 271
- [2] Grudem, Wayne: **Teologia Sistemática**. Atual e exhaustiva. Vida Nova, 2006. São Paulo, SP.
- [3] Packer, J.I: **Na Dinâmica do Espírito**. Uma avaliação das práticas e doutrinas. Vida Nova, 2010. São Paulo, SP.
- [4] Hoekema, A: **Salvos pela Graça**. A doutrina bíblica da salvação. Editora Cultura Cristã, 2002. São Paulo, SP. Cap. 3: O papel do Espírito Santo, pag. 37-59.
- [5] Bruner, Frederich Dale: **Teologia do Espírito Santo**. Sociedade Religiosa Vida Nova, 1986. São Paulo, SP.
- [6] Igreja Presbiteriana do Brasil. Comissão Permanente de Doutrina. Carta Pastoral. **O Espírito Santo Hoje, Dons de Línguas e Profecias**. São Paulo, setembro de 1995 e 2ª edição em 1996.

